Dia 16 — São Cornélio, Papa e Mártir

Martirológio Romano

Os santos Cornélio e Cipriano, pontífices e mártires, cujo glorioso martírio se celebra no dia 14 deste mês. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

O martírio de Santa Eufêmia, virgem e mártir, em Calcedônia; a qual, no tempo do imperador Diocleciano e do procônsul Prisco, por amor de Jesus Cristo superou os tormentos, os cárceres, os açoites, a invenção das rodas, o fogo, o peso de um penhasco, as feras, as feridas das varas, as serras agudas e as sertãs fervendo. Mas, levada outra vez ao teatro e exposta pela segunda vez às feras, pôs-se em oração pedindo a Deus que recebesse sua alma, e então uma das feras mordeu-lhe seu santo corpo enquanto as demais lhe lambiam os pés, e assim entregou sua alma pura ao Senhor. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Os santos mártires Lúcia, nobre matrona, e Geminiano, em Roma; os quais, afligidos com gravíssimas penas e atormentados por largo tempo, havendo merecido a louvável vitória de sua confissão, foram degolados por ordem de Diocleciano.

Os santos mártires Abúndio, presbítero, e Abundâncio, diácono, em Roma, na via Flamínia; os quais, por ordem do imperador Diocleciano, foram degolados a dez milhas de Roma, juntamente com Marciano, homem ilustre, e João, seu filho, a quem eles haviam ressuscitado.

Santa Sebastiana, mártir, em Heracleia, na Trácia; a qual, convertida à fé de Cristo pelo apóstolo São Paulo, havendo sido tentada sua constância por diversos modos no tempo do imperador Domiciano e do presidente Sérgio, por último foi degolada.

Os santos mártires Rogélio e Servo-de-Deus, em Córdova, os quais, depois de lhes haverem cortado as mãos e os pés, foram degolados. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Niniano, bispo e confessor, na Escócia.

Santa Edite, virgem, filha de Edgar, rei dos ingleses, na Inglaterra; a qual, consagrada a Deus num mosteiro desde sua meninice, abandonou o mundo antes de conhecê-lo. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

São Cornélio, Papa e Mártir

Sucedeu São Cornélio a São Fabiano, mártir, no ano do Senhor de 251, no tempo em que a perseguição de Décio contra a Igreja era tão violenta que se passaram dezesseis meses desde o martírio de São Fabiano sem poderem juntar-se os fiéis para proceder à eleição do Papa. Mas, mitigando-se um pouco dentro de Roma o fogo da perseguição depois da revolução de Júlio Valente, congregou-se o clero romano, composto à sazão de quarenta e seis presbíteros, sete diáconos, sete subdiáconos, quarenta e dois acólitos e cinquenta e dois exorcistas, leitores e ostiários; todos os quais, de unânime consentimento, elegeram por Papa São Cornélio, que à sazão era presbítero da Igreja romana. Este unânime consentimento, aplaudido universalmente por todos os fiéis, cujo número dentro da mesma Roma era à sazão prodigioso, e celebrado por todos os Bispos da cristandade nas críticas circunstâncias daquele tempo, é o maior elogio de nosso Santo e faz formar o mais elevado conceito de sua eminente virtude e de seu mérito, o que não se reconhece menos pelo que dele nos deixou escrito São Cipriano. «Depois de haver sido elevado à dignidade episcopal, diz este grande homem, sem conluios, sem artifícios e sem violência, puramente pela vontade de Deus, a quem unicamente pertence fazer e eleger bispos, quanta fé, quanta virtude e quanta resolução mostrou no valor com que se sentou sobre a cátedra episcopal, a tempo que um tirano, inimigo dos Bispos de Deus, sofreria de melhor vontade um competidor ao trono que um bispo de Roma! À vista disto, não nos vemos todos obrigados a celebrar igualmente sua magnânima resolução que sua heroica fé? Não devemos contar no número dos Confessores e dos Mártires o que esteve sentado tanto tempo esperando cada dia a seus verdugos e a que viessem os ministros do tirano a vingar nele com a espada, com as cruzes, com o fogo ou com algum outro extraordinário gênero de suplícios o generoso desprezo que fazia de seus detestáveis editos, de suas ameaças e de seus tormentos? Assim, pois, ainda que a bondade e o poder de Deus protegeu o Bispo que o mesmo Senhor havia eleito, bem se pode dizer que Cornélio padeceu por seu zelo e por sua teima tudo o que podia padecer e que venceu o tirano com suas virtudes episcopais antes que fosse vencido por ele pela força de suas armas.»

Por estas suas grandes virtudes, pelo singular mérito de nosso Santo, por sua eminente sabedoria, de que em muitas ocasiões havia dado ilustres provas contra os hereges, e por sua piedade sobressaliente era já chamado desde muito tempo antes o santo presbítero, não menos que por aquela modéstia e aquela humildade, único estorvo que foi preciso vencer para que consentisse em sua consagração; e, enfim, por aquela doçura e por aquela caridade que lhe mereceu o renome de pai dos pobres.

Logo que se viu sublimado à cadeira de São Pedro, deu as mais gloriosas provas de sua virtude, de seu zelo e da intrepidez de sua fé. Novato, presbítero africano, insigne facínora e homem verdadeiramente malvado, que, para evitar sua condenação em Cartago, havia vindo refugiar-se e esconder-se em Roma, temendo tudo quanto havia que temer, assim da firmeza e da santidade do novo Papa como de sua estreita união e boa inteligência com São Cipriano, pôs em movimento todos os seus artifícios para furtar o corpo às censuras; e, vendo que não lhe saíam como desejava, maquinou formar um cisma; estreitou amizade com Novaciano, presbítero da Igreja de Roma, homem tão perdido como ele, e determinou elevá-lo ao pontificado em lugar de São Cornélio. Começou publicando atrozes calúnias contra o santo Papa; e, havendo enganado três Bispos

estrangeiros, tão simples como ignorantes, depois de lhes haver dado um grande convite, obrigou-os a que consagrassem Novaciano por bispo de Roma; e este foi o primeiro cisma da Igreja romana. Não podia dar-se consagração mais irregular nem pela forma nem pelo sujeito. Os dois cismáticos acrescentaram à divisão do cisma o erro da heresia, defendendo que não se devia receber a penitência o que, depois do Batismo, caísse em alguma culpa grave. A estes erros seus discípulos agregaram outros, que desde logo se começaram a chamar os Novacianos, sustentando que os pecadores deviam ser rebatizados e condenando as segundas núpcias. Celebrou São Cornélio um concílio em Roma no ano de 251, no qual foram condenados os Novacianos e proscritos seus erros, singularmente o de que não fossem recebidos a penitência os que se chamavam *lapsos* ou caídos; isto é, aqueles que na perseguição haviam abandonado a fé por temor dos tormentos. Muito teve que sofrer São Cornélio da parte dos heresiarcas e de seus sequazes; mas isto mesmo cedeu em maior lustre de sua virtude e de seu zelo. Não se podem explicar os trabalhos que lhe foi preciso padecer para preservar do contágio seu rebanho, estendendo-se a todo o mundo cristão sua vigilância e sua solicitude pastoral; admirando e exaltando todos a divina Providência por haver dado tão santo Papa a sua Igreja em tempos tão nebulosos.

Entretanto, havendo-se mitigado um pouco a perseguição pelo fim do império de Décio, voltou a acender-se no tempo de Galo, seu sucessor. Não se havia esquecido dos fiéis nosso santo Pontífice enquanto durou a calma; pelo que a nova perseguição os achou bem prevenidos contra todos os perigos. O Pastor precedeu em tudo ao rebanho com o exemplo. Foi arrestado o primeiro de todos; e confessou a fé de Jesus Cristo em meio aos tormentos com tanto valor e com tanta intrepidez que espantou os juízes e cansou os verdugos. À vista de sua constância em meio aos maiores suplícios, temeram os gentios que seu exemplo não fizesse imóveis na religião os Cristãos, que, à primeira notícia da prisão de seu santo Pastor, correram valorosamente ao campo de batalha, prontos a defender a causa de Jesus Cristo à custa de seu sangue. Movidos disto os ministros do Imperador, condenaram-no à morte; e no dia 14 de setembro do ano 252 este grande Santo coroou sua vida com um glorioso martírio. Muitos creem que o padeceu em Civitavecchia, onde ao princípio havia sido desterrado; mas São Jerônimo assegura que o padeceu em Roma: e, como sucedeu no mesmo dia em que a Igreja celebra a Exaltação da Cruz, sua festa se trasladou ao dia 16.

São Cipriano, Bispo e Mártir

No mesmo dia celebra a santa Igreja o glorioso martírio de São Cipriano, bispo de Cartago, grande ornamento da ordem episcopal e uma das mais resplandecentes tochas de seu século. Nasceu na África, e ainda alguns são de sentir que na mesma Cartago, de casa senatória, tão distinguida por seus opulentos bens como por sua antiga nobreza. Ignoram-se os sucessos de sua juventude: só se sabe que foi instruído nas artes liberais; e que, como tinha um engenho vivo, pronto, perspicaz, sublime e brilhante, fez tão extraordinários progressos nas belas letras que, seguindo sua natural inclinação, ensinou retórica na mesma Cartago. Seus escritos acreditam bem que sabia com perfeição todos os primores desta arte. Mas tinha a desgraça de não ser cristão; desdita que o precipitou em todas as desordens de uma licenciosa juventude. Casou-se e teve filhos, a tempo

que a divina Providência, que o tinha escolhido para imortal honra de sua Igreja, lhe deparou um santo presbítero chamado Cecílio, o qual, descobrindo os grandes talentos de entendimento e de coração de que o Senhor o havia dotado, lastimou-se muito do mal que usava deles. Estreitou amizade com ele e, em suas santas e frequentes conversações, foi-lhe pouco a pouco ensinando a ciência da salvação que ignorava até então. Abriu-lhe os olhos a Graça e ao mesmo tempo abrasou seu coração. Resolveu converter-se; e, logo que se declarou catecúmeno, tomou a resolução de viver em continência e persuadiu a mesma virtude a sua mulher. Recebido o Batismo, cedeu a seus filhos uma parte de seus bens e distribuiu o resto entre os pobres.

Fez-se santo desde que se fez cristão. Em nenhuma coisa foi mediano um homem que em tudo era grande. Em memória e em reconhecimento ao presbítero Cecílio, que o havia convertido, tomou em seu batismo o sobrenome de Cecílio. No mesmo dia em que se batizou, precedendo o consentimento de sua mulher, retirou-se a uma espécie de vida solitária, dedicando-se unicamente ao estudo das sagradas letras e da importante ciência da salvação. Fez em ambas as faculdades tão assombrosos progressos que em menos de cinco anos era já tido por um dos homens mais sábios de seu tempo e por um dos maiores Santos de seu século. Em atenção a isto, sendo ainda neófito, isto é, recém-batizado, por aclamação de todo o clero e de todo o povo foi elevado à dignidade sacerdotal. Mal se ordenou de presbítero, arrastou a universal veneração e o geral conceito, reputando-o todos por modelo de perfeição a todo o clero e por especial ornamento da Igreja africana. Por isso, imediatamente que vagou a sede episcopal de Cartago, não se deliberou nem um só momento em colocá-lo nela. Morreu Donato, bispo de Cartago, no ano de 248 e no mesmo ponto o clero e o povo pediram a uma voz por bispo seu a São Cipriano. Escondeu-se inutilmente, foi descoberto, foi conduzido à igreja e foi consagrado por bispo em meio às aclamações e à presença de grande número de Prelados.

Elevado à primeira cadeira da Igreja africana, não fez novidade nem afrouxou um ponto em sua vida humilde, modesta e penitente. Suas rendas não eram para ele, mas para os pobres. Bastaram seus exemplos para reformar os costumes e para corrigir os abusos que se haviam introduzido até nos mesmos clérigos; mostrando sempre tão generoso zelo como firme e constante teima em manter a disciplina eclesiástica. Sua caridade era imensa e universal, estendendo-se a todo o mundo; e, ainda que teve que sofrer desfeitas e furiosas tempestades, jamais deixou de atender a seu rebanho com todo o cuidado possível. O vivo desejo que ardia sempre no coração de nosso Santo de derramar seu sangue pela fé de Jesus Cristo o incitava continuamente a ir ele mesmo a desafiar os suplícios, apresentando-se o primeiro ao furor dos tiranos; mas lhe representaram o perigo em que deixaria seu rebanho, não menos que a dor e a desolação de todo o seu querido rebanho se sucedesse a precipitada morte de seu adorado Pastor. Por esta só consideração escondeu-se e mais estando bem informado de que os gentios somente buscavam o Bispo, firmemente persuadidos de que, perecendo o Pastor, logo se espalhariam as ovelhas: no anfiteatro não se ouviam mais que gritos e clamores dos idólatras que pediam Cipriano para lograr o gosto e a diversão de vê-lo expirar em meio aos suplícios. Saiu, pois, de Cartago, depois de haver declarado aos fiéis o motivo que tinha para retirar-se, e ficou escondido num lugar não distante da cidade, de onde velava sempre sobre suas ovelhas, dando providências para assisti-las em suas necessidades. Não é fácil explicar os desvelos e os trabalhos que padeceu por seu querido rebanho, nem sua solicitude pastoral em manter os fortes, em animar os fracos e em sustentar a todos naqueles dias de perseguição. Desde seu retiro escreveu muitas epístolas a seu povo, a seu

clero, aos confessores e ao clero de Roma, cuja apostólica sede estava à sazão vaga. Chamava a lugares escondidos e a sítios retirados, já uns, já outros, para alentá-los e fortalecê-los na fé. Deu providência para que enterrassem de noite os corpos dos santos Mártires, para que se procurassem todos os alívios possíveis aos que eram atormentados, para que lhes curassem as feridas e nada faltasse aos santos Confessores.

Ofereceu-lhe nova ocasião de manifestar seu infatigável zelo pastoral uma furiosa peste que, pelo mesmo tempo, assolou aquela grande e populosa cidade. Proveu eficazmente às necessidades espirituais e corporais dos enfermos abandonados. Estendeu-se sua imensa caridade até os mesmos gentios, assistiu e converteu um crescido número deles e soube fazer conquistas para Jesus Cristo em meio à mesma perseguição.

De tempo em tempo padeceu alguns remorsos sobre seu retiro, representando-se-lhe fraqueza, pusilanimidade e covardia. Consultou seus escrúpulos com Roma, que o assegurou e lhe aprovou sua conduta. Entretanto, apesar dos trabalhos e dos frutos de seu zelo, muitos cristãos de Cartago padeceram a fraqueza de apostatar da fé por temor dos tormentos: uns em segredo, conseguindo dos magistrados à força de dinheiro bilhetes ou certificações falsas de haver idolatrado; e outros publicamente, oferecendo incenso aos ídolos ou comendo viandas sacrificadas a eles. Chorou e gemeu São Cipriano, sem perdoar diligência alguma para excitá-los à dor e penitência de sua apostasia. Muitos se envergonharam e se arrependeram com resolução de voltar ao rebanho dos fiéis; mas, atemorizados com o rigor das penitências que os cânones impunham a este delito, recorreram aos Confessores e aos Mártires que estavam nos cárceres, como a poderosos intercessores, e alcançaram deles outros bilhetes ou cédulas de reconciliação, nas quais pediam os santos Mártires que aqueles apóstatas arrependidos fossem admitidos à comunhão dos fiéis e se lhes moderasse a penitência. Como a Igreja fazia tanto e tão justo apreço daqueles generosos Confessores de Jesus Cristo, concedia-lhes esta indulgência; mas logo abusaram dela os que haviam apostatado; e, achando por outra parte ministros demasiadamente indulgentes, eram reconciliados sem impor-lhes penitência alguma. Não poucos dos mesmos apóstatas comerciavam sacrilegamente com os bilhetes de reconciliação, vendendo-os a outros que, por sua escandalosa vida, não os haviam podido conseguir. Toda a Igreja clamou contra esta desordem. O clero de Roma escreveu a São Cipriano, que desde o fundo de seu retiro gritava mais que todos contra estes libeláticos. Aproveitou-se desta ocasião o presbítero Felicíssimo, homem vão, de maus costumes e que nunca havia podido levar em paciência a virtude, o mérito e a universal estima de nosso Santo, pondo em movimento quantos meios pôde para desacreditá-lo e para formar um cisma na igreja de Cartago. Logrou-o; porque, agregando-se-lhe cinco bispos que haviam apostatado durante a perseguição, fez consagrar por bispo de Cartago o presbítero Fortunato. Sem embargo de ser tão irregular como violenta e abominável esta consagração, não deixou de ter parciais e defensores que fizeram quanto puderam para surpreender a Religião do papa São Cornélio; mas não lhes foi possível consegui-lo. Descobriu o santo Pontífice toda a malignidade do partido e condenou seus enredos, embustes e manobras.

Morreu entretanto o tirano, sucedeu a calma à perseguição e São Cipriano restituiu-se à sua igreja. No ano de 251 convocou um concílio provincial em que se regulou a penitência dos que na perseguição haviam apostatado. Foram excluídos para sempre do corpo do clero os eclesiásticos que houvessem caído na idolatria e admitidos à reconciliação os libeláticos, exceto os que

houvessem apostatado publicamente. A estes só se devia dar a absolvição em caso de grave e perigosa enfermidade, contanto que houvessem começado a fazer penitência em sã saúde. O presbítero Felicíssimo e todos os demais que persistiam no cisma foram condenados. Como os Novacianos que se acharam em Roma não puderam preocupar o ânimo do papa São Cornélio contra nosso Santo, para vingar-se dele procuraram que fosse eleito certo Máximo por bispo de Cartago; mas teve a mesma sorte que Fortunato, e os cismáticos não puderam conseguir com todas as suas manobras que o santo Bispo, em muito breve tempo, não restituísse a todo o seu primitivo vigor a disciplina eclesiástica na capital de seu bispado.

Havendo voltado a acender-se o fogo da perseguição no império de Galo e havendo recebido nela a palma do martírio o papa São Cornélio no ano 253, como o levamos dito, sucedeu-lhe não menos no martírio que na sede o pontífice São Lúcio, em cujo lugar foi colocado Santo Estêvão no ano de 254, e em seu pontificado excitou-se entre ele e São Cipriano a célebre disputa sobre a validade do batismo conferido pelos hereges.

Os Montanistas, que no Oriente se chamavam Catafrígios, deram na extravagância de rebatizar todos os católicos que passavam a sua seita, só por manifestar com esta demonstração o desprezo que faziam da Igreja; sugeridos provavelmente de Tertuliano, que no princípio do terceiro século se havia separado da Igreja católica por aderir infelizmente a seus erros. Irritados os Bispos católicos, quiseram despicar-se pelos mesmos termos, rebatizando os montanistas que se convertiam. Fundavam-se em que, crendo estes hereges que Montano era o Espírito Santo, parece que batizavam em nome de Montano; mas no concílio nacional de Sinada ou de Icônio passou-se mais adiante, pois se determinou que indiferentemente fossem rebatizados todos os batizados pelos hereges de qualquer seita; sendo esta com toda a propriedade a verdadeira época do rebatismo pelos hereges. Toda a Igreja havia seguido a prática contrária por espaço de dois séculos. Sem embargo, alguns bispos africanos se declararam pela primeira opinião, e sobretudo Agripino, que por aquele tempo foi feito bispo de Cartago. Quarenta e oito ou cinquenta anos depois entrou a governar a mesma igreja São Cipriano e, como já a encontrou introduzida nela este costume, não quis inová-lo. Consultado por alguns bispos de Numídia sobre este ponto, convocou em Cartago um concílio em que se acharam trinta e dois bispos, e nele se declarou por absolutamente nulo o batismo administrado pelos hereges. São Cipriano escreveu a um amigo seu esta determinação do concílio e, sabedor de que com ela se turbavam os ânimos nas províncias, convocou segundo concílio na mesma cidade de Cartago, ao qual concorreram setenta e um bispos, os quais confirmaram a decisão do primeiro e encarregaram a São Cipriano que a fizesse saber ao Papa. Executou-o o Santo; mas Santo Estêvão lhe respondeu que não se devia inovar, mas seguir a tradição e não rebatizar aqueles em cujo batismo não houvesse intervindo outro defeito que precisamente o haver sido administrado por hereges. Desagradou muito esta resposta a São Cipriano; e, escrevendo a respeito dela a seu amigo Pompeu, bispo de Sabrata, explicou-se em termos que mostram bem que os maiores Santos não deixaram de parecer homens em algumas ocasiões. Para o dia primeiro de setembro daquele mesmo ano convocou Cipriano outro terceiro concílio na mesma cidade de Cartago, chamando a ele todos os bispos de sua jurisdição, que era muito dilatada. Concorreram cinquenta e oito bispos em pessoa e dois por seus procuradores. Deu-se liberdade a cada um para que dissesse francamente seu parecer: mas, ainda que o concílio era tão numeroso, como não presidia nele a cabeça da Igreja, tampouco o presidiu o Espírito Santo; e foi confirmado o erro como nos dois concílios precedentes. Nomearam-se deputados que

passassem a Roma a dar notícia ao Papa do que havia decidido o concílio da África; mas Santo Estêvão nem sequer quis admiti-los a sua audiência. São Dionísio de Alexandria interpôs seus bons ofícios com o Papa para que não excomungasse os bispos da África e da Capadócia, que perseveravam no erro, como os havia ameaçado; e pouco depois toda a Igreja condenou o erro dos rebatizantes no célebre concílio ecumênico de Niceia. São Jerônimo é de sentir que São Cipriano se retratou, e a Santo Agostinho parece isto muito verossímil. Ainda que não se ache, diz o Santo, que São Cipriano se houvesse retratado, é muito provável que o fez; e não é impossível que suprimissem sua retratação aqueles que não gostavam dela.

Permitiu Deus, acrescenta o mesmo Santo Agostinho, que São Cipriano se descaminhasse para que conhecêssemos que o entendimento humano é limitado e que os maiores engenhos hão de fiar muito pouco de suas luzes. A infalibilidade não é privilégio dos particulares, nem sequer dos mais esclarecidos doutores; só nos põe a coberto do erro um rendimento total e sem reserva às decisões da Igreja. Se Cipriano se houvesse separado desta, se houvesse combatido contra a fé, seguramente não o houvera salvo o martírio; mas, havendo derramado seu sangue pela Igreja e dentro do seio da mesma Igreja, lavou as faltas em que o fez cair a excessiva adesão à disciplina de sua igreja particular e a demasiado não muito respeitosa teima contra a cabeça visível da Igreja universal. Seja o que for, continua o mesmo Santo, se se levantou um vaporzinho da humana fragilidade que escurecesse algum tanto aquela alma, por outra parte tão iluminada, logo o dissipou o glorioso resplendor de seu sangue derramado por Jesus Cristo, compensando-se desta maneira a falta de luz em matéria do batismo administrado pelos hereges com a abundância de sua caridade e de sua penitência: *Ut si qua nebula in ejus lucidam mentem ex humana conditione irrepserat, gloriosa serenitate fulgentis sanguinis fugaretur.* Até aqueles mesmos que dão mais abundantes frutos de caridade podem ainda conservar tal qual pua ou vergôntea silvestre, que cedo ou tarde arrancará o destro lavrador: *Qui fructu præpollent charitatis, possunt tamen aliquid habere purgandum, quod incultum agricola non relinquit.* Portanto, se este homem verdadeiramente santo se enganou na doutrina do batismo conferido pelos hereges, purgou bem este erro, assim com a abundância de sua caridade como com a gloriosa morte do martírio: *Quod vero ille vir sanctus, de baptismo aliter sentiens quam se res habebat, et charitatis ubertate compensatum est, et passionis falce purgatum.*

Assegura-se que se apagou esta disputa vivendo ainda o mesmo Santo e que os bispos da África retrataram seu erro, o que confirma a opinião de que o mesmo São Cipriano o havia retratado.

Mas, havendo-se renovado a perseguição contra os Cristãos pelo fim do ano de 256, no tempo do imperador Valeriano, voltou também a acender-se no peito de São Cipriano o ardente desejo do martírio. Para lográ-lo deu princípio fortalecendo os Cristãos com a eloquência de seus sermões, com o fervor de suas conversações privadas e familiares e publicando um escrito composto todo de sentenças e de palavras da sagrada Escritura. Tem-se por certo que teve revelação de seu martírio, e que por isso não se quis esconder, ainda que seus amigos o persuadiam e o apertavam para que se pusesse a coberto da tempestade. Foi, pois, arrestado por ordem do procônsul Aspásio Paterno; e, havendo confessado diante dele a Jesus Cristo com heroica magnanimidade, foi desterrado a Curúbis, cidade distante dez ou doze léguas de Cartago. Os onze meses que esteve nela os empregou em animar, consolar e esforçar seu povo com seus escritos e com os desvelos de uma solicitude verdadeiramente pastoral. Voltou a chamá-lo Galério Máximo com ordem de que

não entrasse em Cartago e ficasse numa quinta que tinha perto da cidade. Enfim, no dia 14 de setembro do ano de 258 mandou o Procônsul que comparecesse em seu tribunal; perguntou-lhe por sua fé, por sua condição e por seu generoso zelo que mostrava em favor dos Cristãos, a cujas perguntas só lhe respondeu estas precisas palavras: «Sou cristão e me glorio de sê-lo.» Confessou a fé de Jesus Cristo à presença de um crescido concurso com tanta eloquência e com tão heroica resolução que, temeroso o Procônsul da impressão que podia fazer nos ânimos, mandou que no mesmo dia lhe cortassem a cabeça. Executou-se num lugar chamado Sextilo, junto aos muros de Cartago, e o santo corpo esteve exposto por algum tempo no mesmo sítio, até que os Cristãos o enterraram num lugar das eiras do procurador Cândido, onde com o tempo se edificou em honra sua uma suntuosa igreja. Depois foi trasladado a Arles no tempo de Carlos Magno; de Arles a Lyon, até que Carlos, o Calvo, o mandou levar a Compiègne. Temos de São Cipriano oitenta e uma epístolas, com outros muitos tratados, e em todas as suas obras se deixa admirar sua singular eloquência.

Santos Rogélio e Servo-de-Deus, Mártires

Entre os ilustres Mártires de Jesus Cristo sacrificados ao bárbaro furor dos maometanos em meados do século IX, em que moveu Abderramão, rei de Córdova, uma das mais cruéis perseguições que sofreram os Cristãos, elogia-se com justíssimo motivo o valor, a fidelidade e a constância de São Rogélio e Servo-de-Deus, dignos de memória eterna pela generosidade com que pregaram a fé de Jesus Cristo sem temor dos pagãos.

Ainda os árabes não haviam tirado do cárcere para o suplício os dois ilustres mártires Emila e Jeremias, condenados à morte por nenhuma outra causa que a de clamar contra a seita maometana, quando entraram na mesma prisão Rogélio e Servo-de-Deus, de quem nos diz Santo Eulógio, escritor de suas gloriosas atas, que o primeiro foi natural de uma aldeia de Ilíberis ou Granada, chamada Parapanda, monge de idade avançada, ainda que não assinala o mosteiro nem religião que professava; e do segundo, que foi um jovem que havia vindo a Córdova peregrinando do Oriente, sem determinar-nos sua pátria.

A uniformidade na religião, nos sentimentos e nos costumes uniu os dois Santos com o vínculo da amizade mais estreita, em virtude da qual fizeram ambos pacto de não se separar jamais por nenhum caso até comprar o céu com seu sangue. Ainda que por então gemiam os Cristãos sob o jugo dos maometanos, tinha o Senhor fiéis zelosos e leais, tanto na cidade como na campina de Córdova, que se apresentavam cada dia ante os juízes árabes com uma santa intrepidez e com um valor verdadeiramente admirável a confessar em alta voz Jesus Cristo e aproveitar-se da crítica ocasião de sua perseguição para selar com seu sangue as infalíveis verdades da religião cristã. Quiseram Rogélio e Servo-de-Deus imitar a generosidade daqueles heróis que deram tanta honra à Igreja, com uma resolução tão louvável; e, animados de um mesmo espírito, apresentaram-se na grande mesquita dos mouros, templo admirável por sua magnificência, pela multidão de suas

colunas, pela preciosidade de seus mármores e pela delicadeza de sua arquitetura, que hoje vemos consagrado na igreja catedral, num dos dias em que se achavam ocupados nas infames cerimônias de sua *zalá*. Estava proibido aos Cristãos, sob graves penas, entrar nas mesquitas dos agarenos, porque pensavam estes, cheios de preocupação, que violavam aqueles o solo e que com o ar de sua respiração infeccionavam seus templos; mas, desprezando os dois Santos semelhantes proibições, postos em meio à multidão, começaram a pregar o Evangelho e a declamar contra as mentiras e patranhas do falso profeta Maomé, declarando-lhes os prêmios que Deus tem prometidos aos crentes de sua santa lei e os castigos com que o fogo eterno pena os que fecham os olhos à luz de sua doutrina, vivendo envoltos nas crassas trevas dos delírios e das necedades.

Não é fácil poder explicar a cólera que conceberam os bárbaros à vista daquela resolução, que graduaram por um dos mais enormes atentados. Sem dúvida teriam dado fim aos dois Santos no ato à força dos golpes e das feridas com que os maltrataram, arrojando-se sobre eles enfurecidos, se o juiz, que se achava presente, reportando sua fúria com a autoridade de seu juízo, não os houvesse tirado de suas mãos. Logo que este entendeu a causa do enojo popular, convertendo o seu contra os Mártires, mandou pô-los no cárcere com duras prisões; mas, ainda que estavam tão maltratados que apenas lhes restava alento e tinham tão quebrantado o corpo que parecia não poderem já sofrer mais tormento, nem por isso deixaram de continuar a pregação começada, profetizando no mesmo cárcere a morte desgraçada do Rei dentro de breve tempo.

Tratou-se a causa no conselho dos magistrados árabes na presença do rei Abderramão e de comum acordo se lhes deu a sentença de que, pelo principal do delito, isto é, por haver ultrajado seu profeta Maomé, fossem decapitados; e, por quanto haviam incorrido na criminalidade de pôr os pés em sua mesquita, se lhes cortassem os pés e as mãos. Os Santos receberam com muita alegria a injusta providência, dando ao Senhor repetidas graças porque os fazia dignos de padecer por seu amor. Entrou o verdugo no cárcere à execução do mandado; mas, antes que lhes pedisse as mãos e pés para descarregar o golpe dos alfanjes, eles mesmos lhos apresentaram com extraordinário regozijo e, estando já quase desangrados, estenderam seus pescoços ao cutelo com a mesma maravilhosa constância; logrando por este meio a apetecida coroa do martírio no dia 16 de setembro do ano de 851 ou 52.

Puseram os corpos dos Santos em dois paus ao outro lado do rio, no campo da Verdade, à parte dos de Santo Emila e Jeremias, que no dia antes haviam sido martirizados; e, subindo o Rei a uma açoteia de seu alcácer para divertir-se com a alegre vista da campina, vendo os quatro Mártires naquela disposição, para público escarmento mandou que os lançassem a uma fogueira; mas mal pronunciou tão desumano preceito, ferindo-lhe um Anjo do Senhor sua maldita língua, pegada ao paladar, ficou mudo de repente e, assaltado com as dores da morte, verificou-se a profecia dos Mártires naquela mesma noite, descendo sua alma infeliz ao fogo do inferno antes de queimar-se os Santos, cujas cinzas, com algumas relíquias, depositaram os fiéis na igreja de Córdova.

Santa Eufêmia, Virgem e Mártir

Foi Santa Eufêmia da cidade de Calcedônia, filha de Filofrônio e Teodora, pessoas ilustres e ricas, e o pai era senador naquela cidade. A filha Eufêmia era dotada de grandes virtudes e de grande formosura, modéstia e castidade; e, como se fizesse em Calcedônia uma festa muito solene ao deus Marte e por mandato de Prisco, procônsul da Ásia, todos fossem chamados sob pena da vida àquela festa, a santa virgem Eufêmia não quis assistir por não contaminar sua alma com um ato tão abominável. Como era pessoa tão principal, logo a deram por falta os sacerdotes gentios e a acusaram perante o Procônsul, que a mandou prender e procurou persuadi-la a que adorasse os deuses. A Santa resistiu valorosamente assim às doçuras como às ameaças, pelo que a mandou pôr no cárcere e, dali a poucos dias, trazê-la à audiência pública. E, achando-a constante em seu propósito, mandou atormentá-la, e foram os tormentos não para uma donzela delicada como era Eufêmia, mas que a um homem robusto tirariam muitas vidas. Açoitaram-na com varas de ferro: puseram-na no cavalete, onde seus delicados membros foram deslocados. Fez-se uma máquina e roda de facas, que vinham todas a dar golpes num lugar onde a Santa havia de estar atada. Ataram-na e começou a revolver-se a roda: e, por ser tão espantoso este tormento, a Santa fez oração a Deus, e baixou um Anjo que a desbaratou e desfez; morrendo ali o artífice daquela máquina e outras pessoas, cujos parentes e amigos acenderam um forno para queimar a Santa como causadora daquele dano; mas, como os verdugos vissem dois Anjos que a amparavam, não se atreveram a lançá-la. Empedernido o Procônsul, não querendo conhecer o poder de Deus, antes obstinando-se mais, dispôs que a serrassem: trouxeram as serras, e o ferro perdeu sua força e pôs-se mais brando que uma cera, e a santa Virgem ficou inteira e sem detrimento algum, triunfando do fogo, do ferro, do tirano e do demônio. Finalmente, o Procônsul, atribuindo todos os prodígios do céu a arte mágica, mandou lançá-la às feras: ela, que estava já cansada de padecer tantos tormentos, pediu a Deus Nosso Senhor que fosse aquele o último. E assim foi que chegou a ela um fero leão e deu-lhe uma mordida e deixou-a sem tocar nem comer de suas carnes; e as demais feras a respeitavam e lambiam seus pés, e desta maneira acabou Santa Eufêmia sua jornada. Ao tempo em que expirou a santa Virgem, veio um grande terremoto e a gente espavorida fugiu. Com isto seus pais tiveram lugar para retirar seu santo corpo e enterrá-lo honrosamente perto da cidade. Foi o martírio de Santa Eufêmia em tal dia como hoje, imperando Diocleciano, e neste dia celebra a Igreja sua festa.

Fez Deus muitos milagres por esta gloriosa esposa sua: e Nicéforo conta um muito famoso, e foi que, celebrando-se o concílio Calcedonense em sua igreja, os Padres que nele se juntaram fizeram dois livros; num escreveram os Católicos a verdade de nossa fé e no outro os hereges seus erros. Puseram-nos junto ao corpo da Santa, e estiveram os Padres toda a noite em oração, e pela manhã acharam que a Santa tinha em suas mãos a confissão católica e a seus pés a dos hereges.

Alguns confundiram esta Santa Eufêmia de Calcedônia com nossa Santa Eufêmia de Orense, cuja história se lê entre as do dia 16 de agosto.

Santa Edite, Virgem

A gloriosa virgem Santa Edite nasceu no ano 961 e foi filha natural do rei Edgar da Inglaterra e de Wilfrida, nobre dama a quem aquele Príncipe havia raptado e por cujo rapto fez uma penitência de

sete anos. Edgar, depois da morte de sua mulher, procurou casar-se com Wilfrida; mas ela desprezou constantemente suas solicitações e tomou o véu religioso no mosteiro de Wilton, do qual foi nomeada abadessa. Sua filha Edite havia-se criado por ela na mesma comunidade e, por conseguinte, resguardada da corrupção do mundo. Desta circunstância o Martirológio Romano deduz seu elogio, dizendo que, havendo sido consagrada a Deus num mosteiro desde sua meninice, abandonou o mundo; e mais bem devera dizer que ignorou o mundo que o que o abandonou. Foi admitida desde muito menina à profissão religiosa, para o que se obteve com muita dificuldade o consentimento do Rei seu pai. Uniu a ativa vida de Marta com a contemplativa de Maria e, ainda que seu maior deleite consistia em ouvir a voz de seu Esposo celestial, que lhe falava em seu coração em silêncio e em retiro, privava-se frequentemente daquele deleite celestial por servi-lo e ajudá-lo em seus membros aflitos ou necessitados. Alimentava o pobre, cuidava do enfermo, limpava suas chagas mais asquerosas, preferindo os leprosos aos mesmos filhos do Rei. Sua abstinência e demais austeridades eram maravilhosas e levava continuamente um cilício rente às carnes. Tinha uma devoção grande à memória de seu Esposo crucificado, a que exprimia com o repetido sinal da santa cruz. Quando ainda não tinha mais que quinze anos, seu pai a quis fazer prelada de três mosteiros; mas ela nunca o consentiu, querendo antes obedecer que mandar.

Morreu o Rei seu pai e sucedeu-lhe Eduardo, seu filho, de pouca idade. Por morte deste último quis a nobreza que Edite deixasse o mosteiro e subisse ao trono e a instaram vivissimamente; mas ela preferiu o estado da humildade e da obediência ao brilho tentador da coroa. Erigiu esta Santa a suntuosa igreja de São Dionísio em Wilton, para cuja dedicação convidou o santo arcebispo Dunstano. Veio o santo Prelado e, vendo que a virgem Edite fazia muitas vezes o sinal da cruz na fronte, pediu-lhe a mão e, tomando o dedo polegar com a sua, disse-lhe: «Não permita Deus que este dedo se apodreça»; e dito isto pôs-se a dizer missa solene e nela começou a chorar amargamente; perguntado pelo diácono a causa daquele pranto, respondeu: «Porque esta alma escolhida por Deus, esta pedra preciosa, esta estrela reluzente se escurecerá e morrerá daqui a quarenta e três dias.» E com efeito morreu conforme esta predição em tal dia como hoje do ano 984, aos vinte e três de idade. O mesmo São Dunstano a fez sepultar na mesma igreja de São Dionísio, que ela havia edificado, e junto a ela um hospital com renda para sustentar treze pobres. Passados treze anos depois de seu glorioso trânsito, apareceu a São Dunstano e lhe mandou que tirasse seu corpo de onde estava e o colocasse em parte mais honorífica, e disse-lhe que o dedo polegar de sua mão direita, por virtude da santa cruz que fazia com ele, o acharia inteiro. Com esta revelação e outras que teve São Dunstano, foi à igreja de Wilton, onde estava o santo corpo da Virgem, e achou o dedo polegar incorrupto como ela lhe havia dito; tirou-o de onde estava e pô-lo num altar com grande devoção e reverência.

Os calendários ingleses fazem menção de outra Santa Edite ou Eadgyth, filha do conde Frewaldo, que morreu monja em Aylesbury.

Missa (oração)

A missa é em honra dos santos Cornélio e Cipriano, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Beatorum Martyrum pariterque Pontificum Cornelii et Cypriani nos, quæsumus, Domine, festa tueantur; et eorum commendet oratio veneranda. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Assistam-nos, Senhor, com sua proteção, na festividade dos bem-aventurados mártires e pontífices Cornélio e Cipriano, tornando-nos gratos à vossa divina Majestade sua respeitável intercessão. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 3 do livro da Sabedoria.

Sabedoria 3,1-5

> **Latim:** [1] Justorum autem animæ in manu Dei sunt, et non tanget illos tormentum mortis. [2] Visi sunt oculis insipientium mori, et æstimata est afflictio exitus illorum, [3] et quod a nobis est iter exterminium ; illi autem sunt in pace : [4] etsi coram hominibus tormenta passi sunt, spes illorum immortalitate plena est. [5] In paucis vexati sunt, in multis bene disponentur, quoniam Deus tentavit eos, et invenit illos dignos se.

Português: [1] Mas as almas dos justos estão na mão de Deus, e não os tocará o tormento da morte. [2] Pareceu aos olhos dos insensatos que morriam: E o seu trânsito foi reputado por aflição: [3] E a jornada que fazem separando-se de nós, extermínio: Mas êles estão em paz. [4] E se êles sofreram tormentos diante dos homens, a sua esperança está cheia de imortalidade. [5] Vexados em poucas coisas, em muitas lhes será bem retribuído: Porque Deus os tentou, e os achou dignos de si.

Reflexões

Provou-os Deus. Uma vez que se tenha gostado de Deus, parece que nenhuma prova pode pôr em perigo a virtude. Experimentadas uma vez as doçuras desta, quem não dirá que está muito assegurada a fidelidade no serviço de Deus? Sem embargo, uma fatal experiência está-nos provando cada dia todo o contrário. Quantos há que voltam as costas a Deus depois de havê-lo servido com fidelidade por algum tempo! E não se estão vendo todos os dias muitos homens que, como diz o Apóstolo, começam pelo espírito e acabam pela carne? É certo que custa dificuldade compreender como possa seguir-se uma grande desordem a uma virtude exemplar; nem como é

possível que o que foi verdadeiramente virtuoso passe a ser dissoluto de profissão. Como é possível que aquelas resplandecentes tochas que mostravam a tão formosa luz toda a piedade da Religião se apaguem de repente e nem sequer conheçam que perderam a vista e que se fizeram cegos? Como se pode perder o gosto à virtude até ter horror dela, ao menos sem que a alma conheça que está enferma? E depois de haver servido a Deus muitos anos com fervor e a cara descoberta, como se poderá abandonar seu serviço sem remorso e sem escândalo? A corrupção do coração passa logo ao entendimento. Em começando a viver mal, deixa-se de discorrer bem. Em perdendo o gosto às grandes verdades da Religião, logo se as perde de vista. Nunca se descaminha pouco o que, sabendo o caminho real, se desvia dele por tédio. Quanta diferença há de um homem em seu juízo cabal a este mesmo homem num delírio! Mudou-o tanto a enfermidade que não se o conhece. Que discursos tão desconcertados! Que projetos tão sem pés nem cabeça! Que extravagâncias! Que loucuras! E isto num homem que poucos dias antes discorria com tanto acerto, obrava com tanta cordura, governava-se com tanta prudência! Não há que estranhá-lo: transtornou-se-lhe a cabeça; amigos e inimigos, parentes e estranhos, a todos os confunde.

Vai pô-lo em razão e dar-lhe lições; tanto caso faz do pai como do diretor. Turbou-lhe o frenesi a razão, e o único que não conhece sua enfermidade é o mesmo enfermo. Ele ri, ele se diverte, ele canta quando choram todos os que se interessam em sua saúde e todos os que o conheceram antes da enfermidade; não se pode deixá-lo só pelo perigo de que se precipite. Esta é uma viva imagem daquele e daquela que deixaram o serviço de Deus e a devoção depois de haver sido devotos. É perfeita a analogia. Os mesmos efeitos causa a desordem dos costumes que a desordem dos órgãos. Quanta diferença vai de um homem em outro tempo virtuoso a este mesmo homem perdido agora e dissoluto! Parece outro entendimento, outro natural e que mudou de religião com a mudança de costumes. Em outro tempo prudente, atento, dócil, modesto, amigo de fazer bem, moderado, sem preocupações, o coração são e reto: assim era quando vivia regrado; não podia compreender como era possível que o homem de bem se diferenciasse do homem cristão, parecendo-lhe que somente a virtude era digno objeto de um coração verdadeiramente grande. Nenhuma outra alegria lhe agradava senão a que era efeito de uma consciência pura; nenhuma diversão que não fosse muito conforme à lei santa de Deus; não julgava digno de sua atenção outro negócio que o da salvação, nem encontrava outra verdadeira grandeza que a de servir a Deus e de agradá-lo. Mas abandonou o partido da virtude, entregou-se à dissolução; já parece outro homem. A desordem de sua vida sufocou a Religião. Somente se o ouve zombar insulsamente de si mesmo pelo que foi e fazer fria chacota da mesma Religião. Oh, e que digno de lástima é um homem que voltou as costas a Deus!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 21 de São Lucas (o impresso diz «capítulo 20»).

Lucas 21,9-19

> **Latim:** [9] Cum autem audieritis prælia et seditiones, nolite terreri : oportet primum hæc fieri, sed nondum statim finis. [10] Tunc dicebat illis : Surget gens contra gentem, et regnum adversus regnum. [11] Et terræmotus magni erunt per loca, et pestilentiæ, et fames, terroresque de cælo, et signa magna erunt. [12] Sed ante hæc omnia injicient vobis manus suas, et persequentur tradentes in synagogas et custodias, trahentes ad reges et præsides propter nomen meum : [13] continget autem vobis in testimonium. [14] Ponite ergo in cordibus vestris non præmeditari quemadmodum respondeatis : [15] ego enim dabo vobis os et sapientiam, cui non poterunt resistere et contradicere omnes adversarii vestri. [16] Trademini autem a parentibus, et fratribus, et cognatis, et amicis, et morte afficient ex vobis : [17] et eritis odio omnibus propter nomen meum : [18] et capillus de capite vestro non peribit. [19] In patientia vestra possidebitis animas vestras.

Português: [9] E quando ouvirdes fallar de guerras, e de tumultos, não vos assusteis: estes cousas sim devem succeder primeiro, mas não será logo o fim. [10] Então lhes dizia: Levantar-se-ha nação contra nação, e reino contra reino. [11] E haverá grandes terremotos por varias partes, e epidemias, e fomes, e aparecerão cousas espantosas, e grandes sinaes do ceo. [12] Mas antes de tudo isto lançar-vos-hão elles as mãos, e perseguir-vos-hão entregando-vos ás synagogas, e aos carceres, levando-vos á presença dos reis, e dos governadores, por causa do meu nome: [13] e isto vos será occasião de dardes testemunho. [14] Gravai pois nos vossos corações, o não premeditar como haveis de responder: [15] porque eu vos darei huma boca, e huma sabedoria, á qual não poderão resistir nem contradizer todos os vossos inimigos. [16] E sereis entregues por vossos pais, e irmãos, e parentes, e amigos, e farão morrer a alguns de vós outros: [17] e sereis aborrecidos de todos por causa do meu nome: [18] entretanto não se perderá hum cabello da vossa cabeça. [19] Na vossa paciência possuireis as vossas almas.

Meditação

Não há outro verdadeiro mal na terra senão o pecado

Primeiro ponto

Considera que não há outro verdadeiro mal na terra senão aquele que nunca se pode considerar como bem; que só ele nos priva de todo bem e da fonte de todos os bens: tal é o pecado. Olhe-se por onde se olhar, o pecado sempre é pecado. Julguemo-lo como Deus o julga; eternamente será o pecado objeto de seu ódio e de sua cólera; eternamente será matéria de nossa dor. Pois como o pode ser agora de nossas ânsias e de nossa complacência?

Todos os que chamamos males na terra, em tanto o são em quanto são efeitos do pecado. O pecado é o que inundou a terra de desditas; ele é o que acendeu as chamas do inferno; ele só é o

que faz os homens desgraçados: onde reina a inocência, ali reinam a tranquilidade e a alegria. Sendo Deus bem infinito e sendo ele mesmo todo bem, não é capaz de comunicar outra coisa. O pecado só é causa de todo mal, privando-nos deste bem. Mas é esta a ideia que se forma do pecado? E deixará o pecado de ser menos mal e de ser menos pecado porque formemos nós outra ideia?

Esses concursos a certos entretenimentos de onde está sempre desterrada a inocência; essas diversões sempre ocasionadas, esses espetáculos, esses regozijos profanos, origem fatal de tantas desordens, provam porventura que olhamos com grande horror o pecado? E até aquelas pessoas que não se abandonam tanto à desordem, vivem sempre muito inocentes? Familiarizamo-nos com o pecado; mas acostumamo-nos igualmente aos tormentos que se seguem a ele?

Ah Senhor, e quão pouco conheci o pecado até aqui! Mas quanto o detesto agora! Aumentai minha dor e perdoai-me meus pecados.

Segundo ponto

Considera que não temos razão para chamar males àquelas coisas que nos podem ser úteis para nossa felicidade. A uma alma fervorosa tudo lhe pode servir de proveito, menos o pecado.

As desgraças, as perseguições, as enfermidades, a pobreza, até a mesma morte, tudo nos pode servir para ser felizes, pois tudo nos pode ajudar para ser santos.

Poucos Santos há que não devam, por assim dizer, às perseguições, às adversidades, aos trabalhos algum grau, ao menos, de sua elevação no céu. Que não deveram os Mártires aos suplícios? «Vossos parentes e vossos amigos vos perseguirão, diz o Salvador; mas nem por isso sereis desgraçados: toda a malícia e toda a raiva dos mais cruéis tiranos não será capaz de arrancar-vos um só cabelo da cabeça.» O que está em graça de Deus e é querido seu, que tem que temer? É grande erro reputar por mal o ódio do mundo, quando o mundo aborrece a alguém porque ama a Deus e porque serve a Deus. Quantos favores, quantas conveniências ofereceu o mundo a São Cipriano para pervertê-lo! Com que cruéis suplícios não o ameaçou se se negava a suas enganosas promessas! Mas com que valor menosprezou o Santo não menos as carícias que os tormentos do tirano! Ou, por melhor dizer, não houve para ele maior tormento que as carícias. Antes perdeu a vida que a amizade de seu Deus. Quando pensaremos nós da mesma maneira? Quando discorreremos sobre os mesmos princípios? Tem-se hoje o pecado por o maior mal de todos os males? Olham-no sequer como mal aquelas pessoas que se divertem, que fazem vaidade de cometê-lo? Chama-se mal uma perda de bens temporais, uma aflição, uma perseguição, uma desgraça que, segundo os fins da divina Providência, costumam ser origem de muitas bênçãos; mas tem-se o pecado por grande mal quando se o considera como meio para fazer fortuna?

Meu Deus, em que cegueira vivi eu até aqui! Perdoai-me minhas maldades e dignai-vos ouvir meu humilde rogo. Padeça eu, Senhor, todos os tormentos, padeça todos os males desta vida antes que cometer um só pecado.

Jaculatórias

Ai de vós, homens ímpios, que abandonastes a lei santa de vosso Deus e Senhor! (Eclo 41.)

Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo e ser objeto de sua indignação. (Hb 10.)

Propósitos

1. Concebe tanto horror ao pecado que estejas pronto a perder os bens, a saúde e a mesma vida antes que perder a graça. Muito digno de lástima serias se estivesses em outra disposição. Mas, como de nada servem os melhores ditames especulativos se não se põem em prática, toma desde agora o santo costume de dizer-te a ti mesmo sempre que a ti ou a outros suceda alguma desgraça: «Não há outro mal senão o pecado; consolemo-nos, que esta perda dos bens ou da saúde pode ser para maior proveito nosso. Livrai-me, Senhor, de todo pecado; pois não temo outro mal.»

2. Toma ocasião de todos os adversos acasos da vida para dizer a teus filhos, a teus amigos e a teus criados que nenhum outro mal se deve temer senão o pecado. Seja este como teu refrão ou como uma ordinária sentença. Repete-lho continuamente a teus filhos e diz-to a ti mesmo cem vezes ao dia. Não te descuides nem nas mais leves mentiras oficiosas, nem nas restrições mentais, que são verdadeiras mentiras disfarçadas, nem na menor impaciência. Hás de ter por inteiramente proibido para ti tudo quanto possa alterar até ligeiríssimamente a caridade. A demasiada indulgência consigo mesmo e a pouca com os demais é de ordinário origem de muitas faltas. Deve-te causar horror tudo quanto pode causar o mais leve dano ao próximo e tudo o que tenha aparência ou sombra só de pecado. A vista só de um monstro assusta e sobressalta. Repete muitas vezes aquelas belas palavras: *Malo mori quam fœdare animam meam*: mais quero morrer que manchar minha alma. Não te contentes com ter horror ao pecado; tem o mesmo às ocasiões de pecar e foge delas tanto como do pecado mesmo. Não se detesta o pecado quando não se tem horror à ocasião.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:52:37 by Admin
Updated 20 November 2026 20:52:37 by Admin